



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 2 – Organização e Representação do Conhecimento

NÚMERO DE CHAMADA: HISTÓRICO, TERMINOLOGIA E ESTRUTURA

CALL NUMBER: HISTORY, TERMINOLOGY AND STRUCTURE

Camila Mariana Aparecida da Silva – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Discute o número de chamada como modelo voltado à ordenação de documentos visando explicitar cada um dos elementos que o compõem: número de coleção, número de classe e número do livro. Pesquisa de natureza qualitativa que se fundamenta em revisão de literatura clássica em língua inglesa sobre o tema, particularmente quanto às publicações realizadas entre o último quarto do século XIX, os primeiros 30 anos do século XX e as décadas de 1980-1990. O trabalho apresenta um panorama do surgimento e consolidação do número de chamada como modelo para sistemas de localização relativa, contemplando questões terminológicas quanto às diferentes abordagens. A sequência pormenoriza os números de coleção, de classe e do livro. Como considerações finais, aponta que as novas dinâmicas de circulação do conhecimento registrado impactam as formas de uso dos espaços e que a tônica dos arranjos condiciona a experiência do usuário, havendo, portanto, potencial para que interfira na qualidade da relação direta que se estabelece com as coleções em livre acesso. Assim, ressalta a relevância de se compreender a estrutura do número de chamada, haja vista que arranjos adequados e propositivos se fazem na dependência do manejo criativo e conciso de seus três elementos.

Palavras-chave: número de chamada; número do livro; arranjo.

Abstract: It discusses the call number as a model aimed at shelf arrangement, aiming to explain each of the elements that make it up: collection number, class number and book number. Qualitative research based on a review of classic literature in English on the subject, particularly regarding publications carried out between the last quarter of the 19th century, the first 30 years of the 20th century and the 1980s-1990s. The work presents an overview of the emergence and consolidation of the call number as a model for relative location systems, covering terminological issues regarding different approaches. The sequence details the collection, class and book numbers. As final considerations, it points out that the new dynamics of circulation of registered knowledge impact the ways in which spaces are used and that the tone of the arrangements conditions the user experience, therefore having the potential for it to interfere with the quality of the direct relationship established with collections in free access. Thus, it highlights the relevance of understanding the structure of the call number, given that adequate and purposeful arrangements are made depending on the creative and concise management of its three elements.

Keywords: call number; book number; shelf arrangement.

1 INTRODUÇÃO

Modelo de origem anglo-americana proposto na segunda metade do século XIX, o número de chamada é um importante modelo voltado à ordenação de documentos no contexto de bibliotecas e como conteúdo trabalhado nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Os primeiros debates em torno de sua elaboração ocorrem em território estadunidense e datam do último quarto do século XIX, sendo sua composição dada pela junção do número de coleção (*collection number*) com o número de classe (*class number*) e o número do livro (*book number*). Assim, embora a proposta seja anterior, a concatenação linear destes três elementos foi explicitada pela primeira vez, na década de 1930, por Ranganathan.

Embora o uso do número de chamada como modelo voltado à ordenação de documentos seja frequente, sua disseminação não foi acompanhada de uma verticalização da reflexão acerca de seus usos e estrutura. No Brasil, desde a década de 1950, algumas publicações seguem fazendo menção ao tema, porém, parte dessas publicações contempla prioritariamente o estudo da classificação bibliográfica ou da catalogação, e outras, como a tabela PHA (1964), são orientadas à composição de notações de autor com base no modelo de notação de Cutter-Sanborn. Apesar de publicações mais recentes (Pinheiro, 2007, Caribé, 2016, 2019, Ortega; Silva; Santos, 2016, Silva, 2016, Ortega; Silva, 2013, Silva, 2016, Ortega; Silva; Santos, 2016, Silva; Ortega, 2017, Silva; Tolentino, 2018, Silva; Carvalho; Martins; Ortega, 2018; Silva; Tolentino; Ortega, 2019, Silva; Carvalho; Martins; Ortega, 2020, Silva, 2022, Silva; Ortega, 2022), constata-se a ausência de maior exploração do número de chamada como uma estrutura norteadora, sendo suprimidas alternativas que poderiam oferecer possibilidades mais ricas de exploração das funcionalidades do arranjo e do próprio modelo.

Assim, o artigo objetiva discutir o número de chamada como modelo voltado à ordenação de documentos, a fim de ressaltar sua estrutura, bem como trazer para o público brasileiro literatura de língua inglesa que subsidia sua melhor compreensão e exploração. Para isto, realiza-se pesquisa teórica qualitativa de caráter descritivo que utiliza como técnica de investigação a revisão de literatura acerca do *call number* (número de chamada) a partir da

primeira edição do *Library Journal*, em 1876, e dos números subsequentes que deram espaço ao modelo. Acompanha autores que sistematizaram e divulgaram o número de chamada na década de 1930, incorporando, também, literatura das décadas de 1980 e 1990, elaborada particularmente por autores indianos que revisitaram o modelo.

Dada a multiplicidade e o volume de publicações que abarcam o escopo da pesquisa, a seleção das fontes baseou-se em referências seminais associadas ao número de chamada e ao número do livro que auxiliassem na caracterização primária do objeto e estão baseadas em levantamentos realizados em trabalhos anteriores, especialmente tese de doutorado (Silva, 2016), a dissertação de mestrado (Silva, 2016) e livro publicado em coautoria, em 2016 (Ortega; Silva; Santos, 2016). Tendo em vista que do final do século XIX até boa parte do século XX o número de chamada foi contemplado pelos estudos de classificação bibliográfica, é pertinente observar esta literatura seminal a fim de identificar os avanços logrados e os recuos que ela desenha a partir de meados do século XX, quando parecem minorar abordagens de discussões relativas à materialização de arranjos para documentos.

Para exploração da literatura corrente, buscando identificar trabalhos sobre o modelo, foram realizadas buscas em bases de dados e catálogos de bibliotecas. Quanto às bases de dados, as buscas ocorreram na *Library and Information Science Abstracts* (LISA) e *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA), conforme a seguinte estratégia: a – palavras-chave: arrangement; b – período: sem delimitação; c – tipologias: artigos de periódico, artigos de evento e livros em texto completo; d – critério de seleção: leitura de título, palavras-chave e resumo que fornecessem indícios de discussão do número de chamada ou de um de seus elementos.

A proposta se justifica pela relevância de explorar literatura que, estando fora do eixo central das investigações da Ciência da Informação, é pouco abordada no contexto brasileiro, a despeito de sua forte presença em sistemas de informação bibliográfica contemporâneos e, conseqüentemente, de sua atualidade. Ademais, contribui para amenizar lacuna de literatura em língua portuguesa do Brasil sobre a temática da ordenação de documentos, e, especificamente, sobre o número de chamada, no que concerne à sua composição e na perspectiva das funções a que prioritariamente esse modelo visa atender. Discutir o modelo evidencia a relevância da ordenação de documentos e permite refletir sobre a adequação de arranjos às finalidades que estes busquem priorizar.

Para isto, a partir da Introdução, o texto se divide em cinco seções. A segunda apresenta breve panorama do surgimento, configuração e consolidação do número de chamada como modelo para ordenação de documentos em sistemas de localização relativa. A terceira seção discute variações terminológicas que acompanham distintos modos de compreensão do modelo. Já a quarta seção pormenoriza os elementos constitutivos do modelo a que se seguem as considerações finais.

2 BREVE HISTÓRICO DO NÚMERO DE CHAMADA

Como aponta Slavic (2009), na segunda metade do século XIX, a defesa do acesso livre às estantes e os respectivos arranjos propostos para os documentos tornaram-se preocupação fundamental entre os modernos teóricos da Biblioteconomia de matriz anglo-americana. Se por um lado, conforme Miksa (1983) argumenta, o papel cultural das bibliotecas já estava estabelecido, uma melhor compreensão da importância dos bibliotecários para realizá-lo ainda era necessária à época. Isto porque, talvez excetuando as ideias gerais quanto aos objetivos das bibliotecas públicas e de sua estrutura organizacional, não havia atividade própria de bibliotecas que estivesse sistematizada e disseminada com expressiva uniformidade e padronização (Miksa, 1983). A ideia de semelhança entre as bibliotecas “não estava limitada a ideais, objetivos e um senso de dever, todavia. Ela focava diretamente nos principais procedimentos empregados por bibliotecários, tais como catalogação, ordenação, métodos de seleção e métodos de compra de livros” (Miksa, 1983, p. 60, tradução nossa). Neste sentido, assim como os demais processos de Organização da Informação, naquele momento, entendia-se que era necessário encontrar soluções que favorecessem e, principalmente, homogeneizassem a proposição de arranjos.

Fundado em 1876, um dos principais meios de registro dos debates em torno das experiências e tentativas de aprimoramento dos arranjos em sistemas de localização relativa foi o periódico *Library Journal*. A partir do último quarto do século XIX, autores como Biscoe (1885), Bliss (1910a, 1910b, 1912), Cutter (1878, 1879a, 1879b, 1879c, 1882, 1883, 1886, 1887), Dewey (1879a, 1879b, 1879c, 1886), Edmands *et al.* (1879), Olin (1893), Schwartz (1878, 1879, 1882a, 1882b, 1882c) e Swan (1886) publicaram nesta revista suas propostas para a individualização de itens dentro de classes. Esses autores também utilizaram seus artigos para confrontar posições e reformular orientações a partir das recomendações explicitadas nos

demais artigos publicados no periódico. Cutter (1878), por exemplo, reconhecia que sua concepção de uma tabela decimal para atribuição de marcas de autor a partir de sobrenomes tinha nascido de uma análise conjunta do esquema de Schwartz e de Dewey. A versão preliminar da tabela de dois dígitos de Cutter foi publicada em 1880 e a notícia de que ela se encontrava à venda foi divulgada no periódico nesse mesmo ano. Dois anos depois, Cutter (1882) publicaria no *Library Journal* a versão quase finalizada de *Alfabetic-order table*, no ano seguinte uma tabela exclusiva para a obra de Shakespeare (Cutter, 1883) e, em 1886, uma tabela para autores gregos e latinos (Cutter, 1886). De modo similar, na Inglaterra, Brown, como entusiasta do movimento de bibliotecas públicas, não apenas elaborou sistema de classificação bibliográfica voltado a bibliotecas menores como, também, apresentou diferentes soluções para o número do livro, incluindo-se tabelas para a codificação de sobrenomes (1898a, 1898b, 1906).

John Edmands, bibliotecário da *Mercantile Library*, da Filadélfia, em um simpósio sobre o número do livro, realizado em 1879, afirmava ter tirado proveito da tabela de Schwartz para a determinação do número de autor de seu sistema, fazendo apenas o acréscimo da inicial do sobrenome anteposta ao número extraído da tabela (Edmands *et al.*, 1879). Biscoe (1885) foi o contraponto à predominância dos arranjos alfabéticos dentro das classes, tendo publicado tabela destinada à disposição cronológica das obras dentro das classes segundo o ano de publicação. Swan (1886) publicou tabela equivalente às de Cutter exclusivamente dedicada a nomes geográficos, assim como Olin (1893) apresentou tabela específica para biografias coletivas.

Se a apresentação de propostas foi a tônica da passagem do século XIX para o XX, nos anos que se seguiram houve um esforço no sentido de sedimentar a operacionalização do modelo e difundir sínteses sobre ele. Na década de 1930, duas publicações da *American Library Association* (ALA) foram fundamentais para a consolidação de boa parte das discussões acerca da composição do número de chamada: Mann (1930) e Barden (1937). Nessas obras, são sistematizadas duas alternativas para a colocação dos documentos dentro das classes: o número do livro cronológico, a partir da data de publicação dos documentos, e, com maior destaque, o número do livro alfabético, a partir da conversão do cabeçalho em uma notação alfanumérica elaborada com base nas tabelas Cutter. Assim, Mann (1930) e Barden (1937) compilam estratégias operacionais para assegurar a unicidade do número de chamada pela

incorporação de mais elementos ao número do livro alfabético, como emprego da inicial do título, recursos para indicação de edição, traduções, críticas e comentários.

A síntese mais abrangente sobre o número de chamada e que nos permite entendê-lo como modelo foi apresentada por Ranganathan, na *Colon Classification* (1960), originalmente publicado em 1933, e em *Prolegomena to Library Classification* (1967), originalmente publicado em 1937. A junção de elementos constitutivos e sequenciais encontrava-se dispersa nas propostas discutidas anteriormente. Assim, o número de chamada, segundo Ranganathan, era resultado da notação produzida a partir da associação de classes de um sistema de classificação bibliográfica (*class number*), com elementos que auxiliassem na individualização dos livros (*book number*), podendo incorporar, quando pertinente, elementos que permitissem apartar parcelas da coleção do agrupamento principal (*collection number*). Na fórmula apresentada pelo autor, o número de coleção, como elemento facultativo, encabeça o modelo. Assim, número de chamada = (número de coleção) + número de classe + número do livro.

Em língua inglesa, excetuando-se as reimpressões das tabelas de Cutter e Cutter-Sanborn, seguiu-se um longo período sem publicações especialmente direcionadas à discussão do número de chamada e, particularmente, sobre o número do livro. Esse quadro foi interrompido por Lehnus (1980), acompanhado de perto pelo trabalho de Comaromi (1981), e aos quais se juntaram as produções de Satija (1987, 1990, 1998, 2000) e de Satija e Comaromi (1992). Essas produções buscaram apresentar um histórico das propostas de composição do número de chamada, ressaltando as intensas discussões e reformulações que acompanharam de perto o desenvolvimento dos sistemas de classificação bibliográfica. Satija (1987, 1990), particularmente, chamou atenção para o fato de que sem uma história do número do livro, a história da classificação bibliográfica não poderia ser compreendida.

3 VARIAÇÕES TERMINOLÓGICAS SOBRE O NÚMERO DE CHAMADA

Ranganathan (1967) afirmava que, em bibliotecas cujo acesso direto aos documentos estava interdito, os leitores precisavam “chamar” pelo livro, derivando deste ato a denominação “número de chamada” (*call number*), a qual não possui, portanto, relação inicial com sistemas de localização relativa. O dicionário *Merriam-Webster* (Call Number, 2023), informa que o primeiro uso do termo teria ocorrido em 1876, mesma data da publicação da

primeira edição da CDD, na qual Dewey (1876) emprega o termo e afirma a localização relativa como solução adequada para ordenação de documentos em bibliotecas.

Bliss (1910a, 1910b, 1912) refletiu sobre a terminologia associada ao número de chamada e apresentou o que denominava notação de livro simplificada (*simplified book-notation*). A partir da análise de alguns registros extraídos do catálogo da ALA, Bliss buscou demonstrar que as marcas de ordem (*order mark*), elaboradas com o auxílio das tabelas de dois ou de três dígitos de Cutter, tornavam-se muito extensas para a função que deveriam cumprir. Por isso, a ordenação dos livros nas estantes demandaria a redução por completo da marca (*mark*) que designava individualmente cada livro na coleção. Tal marca, segundo Bliss, era composta pela marca de classe (*class mark*), responsável por agrupar os itens, seguida pela marca de ordem (*order mark*), cuja função era individualizar os itens dentro das classes. Bliss afirmava sua predileção pelo termo marca de ordem em relação ao termo marca do livro (*book mark*), bastante disseminado por Cutter, pois o primeiro seria mais indicativo da função, além de possuir como principal componente o número de ordem para autor, inspirado nas tabelas de Cutter (Bliss, 1910b). O autor questionava a imprecisão terminológica representada pelo uso do número de classe (*class number*) para indicação da marca de classe, e os termos número do livro (*book number*) e marca do livro (*book mark*) como substitutivos do termo marca de ordem.

Slavic (2009) trabalha essa mesma estrutura, mas emprega os termos marca da coleção (*collection mark*) e marca da classe (*class mark*). A opção de Slavic remete à discussão levantada por Bliss (1912) quanto à maior abrangência e capacidade explicativa do termo *mark* e por Satija e Comaromi (1992) ao apontarem que o termo *book number* é redutor por não abarcar outras tipologias documentais. O termo marca é menos frequente, porém representativo da função desempenhada por cada uma delas (marca da coleção, marca de classe e marca do livro) na composição do número de chamada, pois permite abarcar quaisquer formas de notação, sejam elas numéricas, alfabéticas ou com uso de símbolos.

Na literatura em língua portuguesa do Brasil, os trabalhos de Barbosa (1962, 1969), Mey (1995), Mey e Silveira (2009) e Caribé (2016, 2019) o termo notação de autor é adotado em detrimento do número do livro. Nessas obras, o número de chamada é composto pela junção entre a notação de classificação e a notação de autor, facultando-se o uso de elementos distintivos adicionais à autoria pessoal, como a inicial do título, o que ultrapassa o sentido estrito do termo notação de autor. Essa terminologia ganhou bastante evidência com

a tradução adaptada, para língua portuguesa, do livro *Signaturas libristicas: normas para su aplicacion en bibliotecas de habla hispana*, de Donald Lehnus (1978), que recebeu o título Notação de autor: manual para bibliotecas. O termo espanhol *signatura libristica* tem por equivalente em língua inglesa o termo *book number*, haja vista sua função de individualização dos itens dentro de uma classe e que o código completo recebe denominação de *signatura topográfica*. Todavia, a tradução do livro para o português foi trabalhada de modo reduzido ao circunstanciar o uso da autoria para composição das notações construídas com as tabelas Cutter como guia para elaboração do número do livro. Considerando o número de chamada enquanto modelo, o que ocorreu foi uma falsa equivalência, pois uma das possibilidades de composição do número do livro acabou se sobrepondo à funcionalidade do próprio número do livro que faculta diversas possibilidades de operacionalização. Ademais, ocorreu uma diminuição no potencial de uso das tabelas Cutter, pois elas estão orientadas ao conceito de cabeçalho, conforme trabalhado pela catalogação, e não apenas para a autoria pessoal. Além da autoria não ser o único atributo a nortear a composição do número do livro, muito frequentemente o primeiro atributo escolhido é seguido de outros que, então, permitirão a individualização do documento dentro da classe.

Por sua vez, os trabalhos de Carneiro (1950), Araújo (1951), Lentino ([195?], 1959, 1971) e Ortega, Silva e Santos (2016) trabalharam sob abordagem que entende o número de chamada como sendo a associação entre número de classe (*class number*) e número do livro (*book number*), conforme terminologia utilizada por Barden (1937), contemplando a possibilidade da colocação cronológica e alfabética dos documentos dentro das classes.

4 A ESTRUTURA DO NÚMERO DE CHAMADA

A partir das discussões realizadas, denominam-se os três componentes do número de chamada como: número de coleção, número de classe e número do livro.

2.1 Número de coleção: segmentação

O número de coleção é recurso que permite desmembrar uma coleção, segmentando-a. Ele é anteposto ao número de classe e, para Ranganathan (1967), é recomendado quando se deseja separar frações de uma coleção ou criar coleções paralelas a fim de que cada coleção

integre um conjunto com características próprias. Sob uma perspectiva material, cada uma das coleções criadas deve ser identificada por meio de uma marca anteposta ao número de classe, cuja função será agrupar todos os itens que a possuam.

Em Cutter (1882), o número de coleção foi trabalhado sob a possibilidade de se construírem bibliotecas paralelas (*parallel libraries*), apartando parcelas da coleção que, por algum motivo, exigiam tratamento diferenciado em relação ao todo. Frequentemente, como aponta Mittal (1976), os atributos do número de coleção relacionam-se à forma - tamanho ou tipologia, à raridade, à proveniência ou à facilidade de uso, como no caso das obras de referência ou usos específicos previstos, da segmentação de domínios ou tópicos de interesse, entre outros.

4.2 Número de classe: formação de agrupamentos

O número de classe é representativo dos agrupamentos formados mormente a partir das notações extraídas dos sistemas de classificação bibliográfica, mas refere-se a qualquer proposta classificatória que preveja uma estrutura de classes coordenadas e subordinadas. Ele materializa espacialmente um quadro sistemático de termos relacionados que vincula os documentos a seu posicionamento na estrutura de classes para a organização das coleções, não ao lugar definitivo ocupado no arranjo. Com o número de chamada, torna-se possível compor uma associação planejada dos documentos distribuídos pelas classes. Deste modo, uma proposta de leitura da coleção é ofertada aos usuários, que se orientam por meio das relações expressas na forma de um conjunto de enunciados especializados.

Ranganathan (1951, p. 277, tradução nossa) argumenta que a classificação deve realizar a comunicação e afirma que “a comunicação não é completada a menos que sejam fornecidas facilidades[...]” que permitam organizar documentos e mantê-los em ordem útil. Analogamente, pode-se dizer que, assim como para os registros, é preciso fornecer facilidades para organizar os próprios documentos. A especificidade ou a generalidade do número de classe implica a adoção e explicitação de uma proposta de leitura da coleção. Tal proposta exerce influência direta na materialização do arranjo e, conseqüentemente, na definição dos atributos documentais utilizados para fins de disposição dos itens dentro das classes. Por isso, o número de classe tem interferência direta sobre a composição do número do livro uma vez que, em razão dos atributos determinados em sua constituição, o número do livro será estruturado pautando-se no princípio da economia, a fim de evitar redundância. Pode-se

dizer, portanto, que um número de chamada adequado depende de uma combinação ajustada e parcimoniosa entre número de classe e número do livro.

4.3 Número do livro: criação de sequências

O número do livro exerce a função de individualização dos itens dentro das classes e, com isso, assegura que o documento possa ocupar seu lugar na coleção, além de expressar a relação que cada documento estabelece com aqueles que o antecedem e os que lhe são posteriores. Ele é dependente dos atributos conjugados na composição do número de classe, pois deve ser conciso e não permitir redundância. As propostas para a composição do número do livro variaram quanto aos atributos privilegiados, embora, na literatura de língua inglesa, tenham predominado as soluções baseadas em tabelas de codificação de sobrenomes - dentre as quais se destacam as tabelas de Cutter.

Dentre as soluções apresentadas, uma delas indica que o número do livro pode corresponder a uma sequência numérica (1 a ∞) que representa a ordem de entrada dos itens em cada classe. Inicialmente, a ordenação por ordem de entrada dentro das classes foi considerada a mais adequada por Dewey (1886) e Brown (1906) por ser simples, permitir rápida percepção dos itens faltantes na estante e mostrar, ao fim de cada classe, as últimas aquisições da biblioteca - embora nem sempre correspondentes à data das publicações.

O número do livro de base cronológica também deu origem a tabelas que indicam formas de codificar os anos do calendário cristão. A tabela de Biscoe (1885), por exemplo, prescreve indicações para a transformação de anos em notações alfanuméricas abreviadas, mas cuja conversão torna algo de compreensão corrente em uma versão de mais difícil entendimento. A tabela de Biscoe, neste caso, exemplifica os casos em que a brevidade da notação não leva à facilitação da compreensão e à ampliação do potencial de apropriação.

Dentro das classes, o arranjo alfabético por autor também era considerado válido por Dewey (1876) e Brown (1906, 1898b), pois sequencia todos os livros a partir do nome associado à autoria, possibilita a retirada e devolução de forma simplificada, permitindo que as buscas dentro das classes se guiem pela disposição alfabética. Uma forma de notação é a menção nominal (Brown, 1906). Ela é conhecida como a solução mais simples de codificação do número do livro alfabético, pois os valores dos atributos são abreviados. Nesse caso, nomes próprios, títulos, nomes geográficos, nomes de tradutores e biógrafos são abreviados numa notação composta das três letras iniciais

A solução que ganhou maior destaque está associada à codificação a partir das tabelas Cutter-Sanborn (1952, 1969©) ou da tabela de três dígitos de Cutter (1908), que apresentavam indicações para a composição do número do livro. Percebe-se que o modelo se consolidou e se disseminou com base em indicações que prescrevem certa uniformidade e cuja lógica está assentada numa correlação direta entre a escolha do cabeçalho das fichas e o atributo considerado para a composição do número do livro. Satija (2008) indica que para atribuir um número de Cutter, deve-se determinar a primeira palavra do cabeçalho e localizar o número correspondente na tabela sob a primeira letra da palavra. O número encontrado, ele deve ser precedido pela letra inicial da primeira palavra do cabeçalho.

Barden (1937) ressalta que o número do livro é influenciado pelo agrupamento em que ele ocorre, exigindo variações ou outras formas de ordenação: 1) para autores sobre os quais há poucos documentos publicados, emprega-se a notação de autor (*author notation*) normalmente; 2) para autores prolíficos, empregam-se duas notações de autor sequenciais, distinguindo-se as publicações de um autor das publicações sobre esse autor; 3) para autores estrangeiros prolíficos, emprega-se a notação de autor, podendo estar limitada à letra inicial ou a um dígito das tabelas de Cutter; e 4) para autores com notação de classificação própria, a notação de autor é dispensável.

Na composição do número do livro, os elementos mais comuns que sucedem a autoria são a marca do título ou da obra (*title or work mark*) e a marca da cópia ou edição (*copy or edition mark*). Cutter (1887; 1891-1893; 1900; 1962) prescreve ainda o uso de outras estratégias: a marca de várias cópias ou edições (*copy or edition when for many*); a marca de tradução (*translation mark*); marca de outras cópias da tradução (*other copies of translation*); marca de outra tradução (*translation by another hand*); marca de comentário ou trabalho ilustrativo (*commentary or illustrative work*); marca de dicionário (*dictionary*); marca de outro dicionário (*another dictionary*). Nos casos em que existem várias cópias ou edições, segundo o autor, a indicação da edição deve ser feita com a transcrição completa do ano da edição e, havendo várias cópias de uma mesma edição, a indicação das cópias deve ser sequencialmente marcada após o ano da edição correspondente (2, 3...). Procedimento parecido é recomendado para as traduções que devem ser marcadas pela letra inicial do idioma da tradução (I - inglês, P - português...). Nas situações em que haja mais de um documento de uma mesma tradução, depois da indicação do idioma, os itens devem ser sequencialmente numerados (2, 3...) e, caso haja mais de uma tradução, após a letra indicativa

do idioma, deve ser acrescentada a primeira letra do sobrenome do tradutor em questão. Se for desejável manter os comentários ou trabalhos ilustrativos junto das obras que os originaram, Cutter indica a adição de uma nova marca (Y), seguida, quando necessário, da inicial do sobrenome do comentador. A mesma indicação vale para os dicionários referentes a uma obra, adicionando-se a marca (Z) seguida, quando necessário, da inicial do sobrenome do autor do dicionário.

Em busca de contemplar necessidades locais e viabilizar notações mais simples, foram publicadas tabelas para contextos nos quais predominavam outros sobrenomes, como as tabelas de Bashiruddin, em 1928, e da *National Library of India*, em 1961, para sobrenomes indianos (Satija, 2008), a tabela Málaga (Málaga, 1947) para sobrenomes em espanhol, e a tabela PHA, para sobrenomes comuns no contexto brasileiro (Prado, 1964). Cabe notar que as indicações de composição do número do livro são heterogêneas, mas se dão dentro de uma base comum de princípios que privilegia a indicação de uso das tabelas Cutter e Cutter-Sanborn. Este predomínio não impôs a uniformização da ordem dos demais atributos e de suas formas de codificação, havendo nuances demarcadas a partir da consideração da excepcionalidade de certas classes e, também, em consideração à extensão da notação obtida e do grau de detalhamento desejado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que as novas dinâmicas de circulação do conhecimento registrado impactam diretamente as formas de uso de espaços, a ordenação de documentos pelo número de chamada é ressaltada como processo cuja tônica principal reside na experiência direta de acesso às coleções. Nesse sentido, em ambientes nos quais o contato direto do público com as coleções é almejado, destaca-se o papel mediador desempenhado pelas coleções especializadas, a centralidade da gestão dos usos dos espaços e o planejamento de manejo dos acervos, particularmente quanto aos processos de desbaste.

Como modelo para ordenação de documentos em sistemas de localização relativa, o número de chamada promove o agrupamento a partir de uma estrutura de classes dentro das quais os documentos são sequenciados. Assim, o conjunto articulado dessas classes tem o potencial de evidenciar a função enunciativa dos arranjos. Para isto, é indispensável que o modelo empregado para a ordenação de documentos seja entendido quanto à sua estrutura

e as diversas possibilidades de manipulá-la em favor dos objetivos prioritariamente estabelecidos. Ou seja, em sistemas de localização relativa, um arranjo adequado e propositivo se faz na dependência do manejo do número de chamada e, portanto, da articulação basilar e complementar entre número de classe e número do livro.

Trabalhar a historicidade do número de chamada interessa, pois, embora pequena, a literatura sobre o modelo é bastante elucidativa quanto às alternativas já propostas, além de dar base para pensar soluções adequadas ao contexto institucional em questão. Mais do que localizar documentos no conjunto da coleção, como por vezes se resume o entendimento do papel do número de chamada, é desejável que seja explorada sua função mediadora. Pensado como modelo e não como prescrição, o número de chamada abre múltiplas possibilidades de composição e associação entre o número de coleção, de classe e do livro na forma de enunciados. Dessa maneira, faculta-se ao público explorar relações que extrapolem a significação dos documentos tomados isoladamente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. E. S. de S. Localização de livros. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, n. 18, p. 19-42, 1951.

BARBOSA, A. P. **Classificação**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 1962.

BARBOSA, A. P. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, 1969.

BARDEN, B. R. **Book numbers: a manual for students, with a basic code of rules**. Chicago: American Library Association, 1937.

BISCOE, W. S. Chronological arrangement on shelves. **Library Journal**, New York, v. 10, n. 9-10, p. 246-247, 1885.

BLISS, H. E. A modern classification of libraries, with simple notations, mnemonics, and alternatives. **Library Journal**, New York, v. 35, p. 351-358, 1910a.

BLISS, H. E. A simplified alphabetic-order table. **Library Journal**, New York, v. 37, p. 71-74, 1912.

BLISS, H. E. Simplified book notation. **Library Journal**, New York, v. 35, p. 544-546, 1910b.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

BROWN, J. D. **Manual of library classification and shelf arrangement**. London: Library Supply Company, 1898a.

BROWN, J. D. **Adjustable classification for libraries with index**. London: Library Supply Company, 1898b.

BROWN, J. D. **Subject Classification**. London: The Library Supply CO., 1906.

CALL NUMBER. *In*: DICTIONARY MERRIAM-WEBSTER. 2023. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/call%20number>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CARIBÉ, R. C. V. Notação de autor: sua história. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 26, n. 2 p. 121-135, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/28650/16207>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CARIBÉ, R. C. V. Ordenamento de documentos em bibliotecas: tipologia. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 29, n. 2, p. 125-144, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/44307/22776>. Acesso em: 03 ago. 2023.

CARNEIRO, R. Algumas observações para uso da notação na literatura. **Boletim Bibliográfico**, São Paulo, n. 16, p. 35-45, 1950.

COMAROMI, J. P. **Book numbers**: a historical study and practical guide to their use. Littleton: Libraries Unlimited, 1981.

CUTTER, C. A. Another plan for numbering books. **Library Journal**, New York, v. 3, n. 1, p. 248-251, 1878.

CUTTER, C. A. Arrangement and notation for Shakespeariana. **Library Journal**, New York, v. 9, n. 8, p. 137-139, 1883.

CUTTER, C. A. Author table for grec and latin authors. **Library Journal**, New York, v. 11, p. 280-289, 1886.

CUTTER, C. A. Classification on the shelves: with some account of the new scheme prepared for the Boston Athenaeum. **Library Journal**, New York, v. 4, n. 7, p. 234-243, 1879b.

CUTTER, C. A. How to get books, with an explanation of the new way of marking books. **Library Journal**, New York, v. 7, n. 7, p. 14-18, 34-35, 1882.

CUTTER, C. A. How to use Cutter's decimal author tables. **Library Journal**, New York, v. 12, p. 251-252. 1887.

CUTTER, C. A. Mr. Cutter defends his modifications of the Dewey plan. **Library Journal**, New York, v. 4, n. 1, p. 17, 1879a.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

CUTTER, C. A. Review notice of Winchester (Mass.): town library, class and author lists. **Library Journal**, New York, v. 4, p. 426, 1879c.

CUTTER, Charles Ammi. **Expansive Classification**: part I: the first six classifications. Boston: [s.n.], 1891-1893.

CUTTER, Charles Ammi. **Explanation of the cutter author-marks**: two-figure tables. Northampton, Mass: Herald Office, 1900.

CUTTER, Charles Ammi. **Explanation of the alphabetic-order marks (three-figure tables)**. Northampton: Herald Job Print, 1908.

CUTTER, C. A.; SANBORN, K. E. **Cutter-Sanborn three-figure author table**. [Chicago, Massachusetts]: 1969.

CUTTER, C. A.; SANBORN, K. E. **Explicação das marcas de autor Cutter-Sanborn**: tabelas com tres algarismos. Rio de Janeiro: 1952.

CUTTER, Charles Ammi. **Explicação das marcas de autor Cutter-Sanborn**: tabelas com três algarismos. 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Oficial, 1962.

DEWEY, M. **Classification and subject index for cataloguing and arranging the books and the pamphlets of a library**. Hartford: Case, Lockwood & Brainard Company, 1876.

DEWEY, M. Arrangement on the shelves - first paper. **Library Journal**, New York, v. 4, n. 4, p. 117-120, 1879b.

DEWEY, M. Arrangement on the shelves - second paper. **Library Journal**, New York, v. 4, n. 6, p. 191-194, 1879c.

DEWEY, M. Eclectic book-numbers. **Library Journal**, New York, v. 11, n. 3, p. 296-301, 1886.

DEWEY, M. Principles underlying numbering systems - first paper. **Library Journal**, New York, v. 4, n. 1, p. 7-10, 1879a.

EDMANDS, John *et al.* Plans for numbering, with special reference to fiction. **Library Journal**, New York, v. 4, p. 38-47, 1879.

LEHNUS, D. J. **Book numbers**: history, principles and application. Chicago: ALA, 1980.

LEHNUS, D. J. **Notação de autor**: manual para bibliotecas. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.

LENTINO, N. **Guia teórico prático e comparado dos sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971.

LENTINO, N. **Número de chamada**: função do número do livro. São Paulo: [s. n.], [195?].

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

LENTINO, N. **Classificação decimal**: teórica, prática, comparada, exercícios e índices. São Paulo: Edições Leia, 1959.

MÁLAGA, L. F. Reglas y tablas de notación interna. **Fénix**: Revista de la Biblioteca Nacional, Lima, n. 5, p. 130-160, 1947. Disponível em:
<http://revistafenix.bnp.gob.pe/index.php/fenix/article/view/301/1903>. Acesso em: 03 ago. 2023.

MANN, M. **Catálogo e classificação de livros**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

MANN, M. **Introduction to cataloging and the classification of books**. Chicago: American Library Association, 1930.

MEY, E. S. A. **Introdução a catalogação**. Brasília: 1995.

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.
MIKSA, F. Melvil Dewey and the corporate ideal. In: STEVENSON, G.; KRAMER-GREENE, J. (ed.). **Melvil Dewey**: the man and the classification. Albany, N.Y.: Forest Press, 1983. p. 49-100.

MITTAL, R. L. Call number and collection number: their implications on book arrangement. **Indian Library Movement**, India, v. 3, n. 1, p. 1-6, 1976.

OLIN, C. R. An order table for collective biography. **Library Journal**, New York, v. 18, n. 5, p. 144, 1893.

ORTEGA, C. D.; SILVA, C. M. A. da. A ordenação de documentos como atividade de Organização da Informação: proposta de fundamentação e atualização. In: ENCONTRO IBÉRICO EDICIC 2013, 6., 2013, Porto. **Atas [...]**. Porto: Universidade do Porto, 2013. p. 1618-1635.

ORTEGA, C. D.; SILVA, C. M. A.; SANTOS, M. N. **A ordenação de documentos na atividade bibliotecária**. Brasília: Briquet de Lemos, 2016. Disponível em:
<https://archive.org/details/OrdenaoDeDocumentosNaAtividadeBibliotecria>. Acesso em: 03 ago. 2023.

PINHEIRO, A. V. T. P. **A ordem dos livros na biblioteca**: uma abordagem preliminar ao sistema de localização fixa. Rio de Janeiro: Interciência Intertexto, 2007.

PRADO, H. A. **Tabela PHA**: para individualizar os autores dentro das diversas classes de assunto, isto é, dentro dos mesmos números de classificação. São Paulo: T. A. Queiroz, 1964.

RANGANATHAN, S. R. **Classification and communication**. Delhi: University of Delhi, 1951.

RANGANATHAN, S. R. **Colon Classification**. 6th ed. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment for Library Science, 1960.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to Library Classification**. 3. ed. New York: Asia Publishing House, 1967.

SATIJA, M. P. **Book numbers**: Indian and Cutter. Viva Books: New Delhi, 2008.

SATIJA, M. P. Classification: some fundamentals, some myths, some realities. **Knowledge Organization**, Frankfurt, v. 25, n. 1-2, p. 32-35, 1998.

SATIJA, M. P. History of book numbers. **International Classification**, Amritsar, v. 14, n. 2, p. 70-76, 1987.

SATIJA, M. P. Library Classification: An Essay in Terminology. **Knowledge Organization**, Frankfurt, v. 27, n. 4, p. 221-229, 2000.

SATIJA, M. P.; COMAROMI, J. P. **Beyond classification**: book number (with special reference to chronological book numbers). New Delhi: Ess Ess Publications, 1992.

SATIJA, M. P. Book number and call number. *In*: ENCYCLOPEDIA of library and information science. New York: Marcel Dekker, 1990, v. 45, p. 18-45.

SCHWARTZ, J. A “combined” system for arranging and numbering. **Library Journal**, New York, v. 3, n. 1, p. 6-10, mar. 1878.

SCHWARTZ, J. A mnemonic system of classification. **Library Journal**, New York, v. 4, n. 1, p. 3-7, 1879.

SCHWARTZ, J. A new classification and notation. **Library Journal**, New York, v. 7, n. 7-8, p. 148-166, july/aug. 1882b.

SCHWARTZ, J. Alphabetical versus logical classification. **Library Journal**, New York, v. 7, n. 9, p. 229, sept. 1882c.

SCHWARTZ, J. Twenty-five plus ten versus thirty-five or ten. **Library Journal**, New York, v. 7, p. 84-85, 1882a.

SILVA, C. M. A. da. **Para uma abordagem contemporânea sobre ordenação de documentos**: propostas do século XIX e início do XX. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SILVA, C. M. A. da; CARVALHO, M. A.; MARTINS, G. B. A.; ORTEGA, C. D. A ordenação de documentos como conteúdo curricular no curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG e relato de proposta de disciplina. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 102-130, 2020.

SILVA, C. M. A. da. **A ordenação como processo de Organização da Informação**: uma discussão (necessária) sobre classificação bibliográfica. 2022. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Horizonte, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/43292>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SILVA, C. M. A. da; CARVALHO, M. A. de; MARTINS, G. B. A.; ORTEGA, C. D. A ordenação de documentos como conteúdo curricular no curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG e relato de proposta de disciplina. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 102-130, 2020.

SILVA, C. M. A. da; ORTEGA, C. D. A ordenação de documentos no curso de Biblioteconomia da UFMG: notas sobre um conteúdo quase esquecido. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 3846-3866.

SILVA, C. M. A.; ORTEGA, C. D. Das propostas que antecederam o número de chamada: a ordenação de documentos nos manuais francófonos de biblioteconomia de meados do século XIX a 1930. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO EM ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO, 5., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: UFP, 2019. p. 15-25.

SILVA, C. M. A. da; ORTEGA, C. D. Proposals that preceded the call number: shelf arrangement in the francophone manuals of Librarianship from the mid-nineteenth century to 1930. **Knowledge Organization**, Baden-Baden, v. 44, n. 8, p. 605-614, 2017.

SILVA, C. M. A. da; TOLENTINO, V. de S. FRBRizando as coleções a partir do número de chamada: uma aproximação possível. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 20., 2018, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2018. p. 271-285.

SILVA, C. M. A. da; TOLENTINO, V. S.; ORTEGA, C. D. Número de chamada e FRBR: um diálogo norteado por princípios da Organização da Informação. **TransInformação**, Campinas, v. 31, p. 1-12, abr. 2019.

SILVA, C. M. A. da; ORTEGA, C. D. A ordenação de documentos como enunciação: o número de chamada e os sistemas de classificação bibliográfica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 3, p. 117425, 2022.

SLAVIC, A. Call numbers, book numbers and collection arrangements in European library traditions. *In*: SINGH, J.; MALHAN, I.; KAUR, T. (ed.). **Library and Information Science in the Digital Age**: essays in honor of Professor M. P. Satija. India: Ess Ess Pub, 2009. 1. v. p. 257-285.

SWAN, C. H. Alfab.-order table for names of places. **Library Journal**, New York, v. 11, n. 4, p. 118, apr. 1886.